



## 1º de Maio na Praça da Sé em São Paulo aprova por aclamação moção contra processos a estudantes

No 1º de Maio da Praça da Sé, em São Paulo, um estudante processado leu e foi aprovada a seguinte moção:

“O ato do 1º de maio da Praça da Sé de 2013 repudia o expurgo político movido pelo Estado e suas reitorias contra os lutadores da USP, UNIFESP, UNILA, UFMT e das demais universidades que sofrem com a repressão policial e estatal. Trata-se de um ataque às bandeiras dos movimentos e aos seus métodos de luta (principalmente a ocupação). Os estudantes e trabalhadores processados se colocaram

contra as políticas privatistas, elitistas e de destruição da universidade pública. Não são criminosos, portanto.

**Pelo fim de todos os processos contra estudantes e trabalhadores dentro e fora das universidades!**

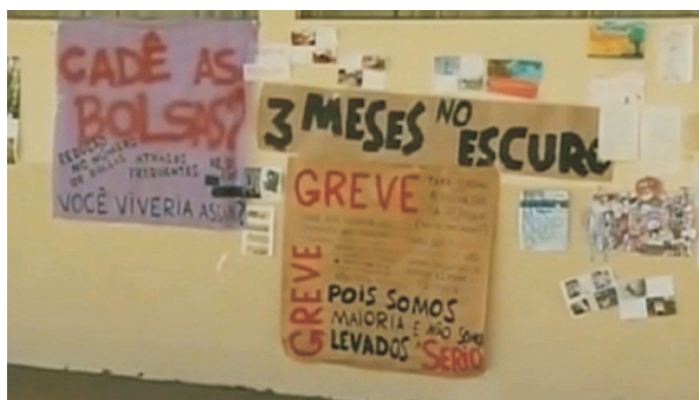
**Pelo direito de organização e manifestação políticas dos movimentos!**

**Viva o movimento estudantil e de trabalhadores combativo e os seus métodos de ação direta!”**

## Estudantes da Unesp de Marília e Ourinhos (SP) em greve

Cerca de 600 estudantes da Unesp de Marília (SP) estão em greve há quatro semanas, com ocupação da reitoria. A manifestação começou em abril e os alunos reivindicam a ampliação do restaurante universitário, da bolsa de apoio ao estudante no valor de R\$ 350 e a garantia de mais moradias, já que as atuais estão superlotadas. A luta se estendeu para Assis e Ourinhos. Bauru tem assembleia marcada para definir adesão ao movimento.

É preciso convocar imediatamente um comando estadual de luta para unir as mobilizações da UNESP, convocando também os estudantes da USP, que estão sob repressão e perseguição política, e da Unicamp, de modo a construir uma luta unificada de todas as universidades contra o governo Alckimin/PSDB, repressivo, privatista, elitista e sucateador da universidade pública.



## Todo apoio à ocupação da reitoria da UNAM e revogação imediata das expulsões dos estudantes

Estudantes do Colégio de Ciências e Humanidades – CCH do campus de Naucalpan ocuparam o prédio da reitoria da Universidade Nacional Autônoma do México – UNAM, a maior da América Latina. A ocupação, iniciada no dia 19/04, tem como principais reivindicações o fim dos processos administrativos, a reincorporação imediata de 5 estudantes expulsos deste mesmo colégio e o fim da reforma curricular na CCH, em uma onda de repressão desfechada pela universidade após as mobilizações do mês de fevereiro.

Em assembleia do dia 01/02, os estudantes discutiram a oposição à reforma curricular imposta pela direção do CCH. O conflito ocorrido durante a assembleia, que fazia um piquete no prédio impedindo a entrada dos diretores da universidade, foi o alegado pelas autoridades universitárias para a expulsão sumária de 5 estudantes, alegando que funcionários foram agredidos e o patrimônio da universidade foi depredado. Dias depois, os estudantes ocuparam a direção geral do CCH exigindo o fim das expulsões e denúncias. Diante da intransigência da universidade em reincorporar os expulsos, após dias de negociações, alguns estudantes decidiram ocupar o prédio da reitoria da UNAM.

A ocupação do prédio da reitoria deu visibilidade ao movimento

que se levanta contra a reforma curricular e pede a reincorporação dos sumariamente expulsos pelo Tribunal Universitário. A burocracia resiste em negociar e está utilizando a justiça burguesa para criminalizar os estudantes, inclusive fornecendo provas para a abertura do processo criminal. A crise gerada se projetou para outras unidades da UNAM, que se pronunciaram contra a intervenção da Polícia Federal na retomada do prédio, posicionando-se, caso isso ocorra, pela renúncia do reitor, José Narro.

A utilização do método da ação direta e a violência revolucionária das massas se opõem à violência imposta pela burguesia e as forças sociais defensoras do capitalismo. O movimento pela reintegração dos 5 expulsos e fim da criminalização passou por todas as fases de negociações com a direção do CCH até o seu esgotamento, exigindo dos estudantes a ação direta para a conquista da reivindicação democrática de livre mobilização e organização daqueles que defendem os interesses gerais do segmento mais numeroso da universidade.

**Todo apoio à ocupação da reitoria da UNAM! Reintegração imediata dos 5 expulsos em Naucalpan! Nenhuma punição aos estudantes! Abaixo a reforma curricular imposta pela burocracia do CCH.**

# As barreiras encontradas para defender os presos e processados políticos na USP se devem a ausência de uma direção revolucionária no seio no movimento

A lição que as duas ocupações que a USP vivenciaram no último período (uma em 2010 da Moradia Retomada e a outra em 2011 da reitoria) é que um movimento combativo sem uma direção revolucionária tende a se fragmentar e a sofrer com a reação da burguesia, que não tolera e não deixa impune um movimento que minimamente ousou questionar seu poder de minoria, ao se colocar abertamente contra a política privatista do governo que não atende as necessidades vitais dos estudantes como moradia estudantil a todos. Não deixará impune também o movimento que se colocou contra a presença da polícia militar no campus, um rechaço direto à ditadura da classe burguesa que necessita do aparato repressivo para se manter no poder.

Hoje temos 85 estudantes e trabalhadores que foram penalizados administrativamente pela burocracia universitária, dentre eles 73 foram denunciados por formação de quadrilha pelo Ministério Público.

As ocupações não encontraram apoio da direção (PSol) e os atuais ataques não encontram resposta da direção do movimento (atualmente PSol/PSTU) que buscou a todo custo um “leiteiro luminoso” para desviar a atenção do movimento de sua luta concreta, que deve ser a defesa dos perseguidos e processados políticos. Em 2012 e começo de 2013, a tentativa de desvio se deu ao redor da democratização da universidade, com diretas para reitor. Depois tentou usar a recusa ao Pimesp e a hipó-

## Monopólio educacional: Fusão entre a Kroton e o Grupo Anhanguera

No dia 22 de abril, foi anunciada a fusão entre os dois maiores grupos educacionais a Kroton e a Anhanguera. Juntos serão a maior empresa privada do mundo do setor de educação, reunindo quase 1 milhão de estudantes universitários de 835 cidades brasileiras, com uma receita de 4,3 bilhões de reais e lucro anual de 420 milhões.

Uma parte significativa do ensino superior privado no Brasil é controlada por cinco grandes companhias, sendo três delas presentes no ranking das dez maiores do mundo. Essas cinco grandes empresas educacionais possuem juntas 1,5 milhões de alunos, quase que a soma de todos de universidades públicas do Brasil, correspondendo a 1,8 milhões.

Esses grupos educacionais são controlados pelo grande capital. Desde 2007, quando se abriu o mercado da educação brasileira ao capital internacional, mais de 180 fusões de pequenas e médias empresas do ramo foram registradas. Hoje assistimos à fusão das grandes corporações, constituindo os monopólios educacionais. O fim da livre

## 92,3% dos estudantes de escola pública inscritos na Fuvest são excluídos

Dos mais de 159 mil inscritos para o vestibular da USP em 2012, um terço concluiu o ensino médio em escola pública. Desses 53 mil estudantes, apenas 7,7% passaram no vestibular, ou seja, a esmagadora maioria dos estudantes da rede pública inscritos na Fuvest ficou do lado de fora da universidade. Das 11 mil vagas da USP, pouco mais de 3 mil (28,5%) são preenchidas por estudantes de escola pública, enquanto 71,5% são pelos da rede privada. Essa relação é inversa se analisarmos o percentual dos concluintes do ensino médio: 85% são de escola pública e 15% de escola privada.

O caso da USP ilustra a realidade no Brasil. Ao primeiro filtro formalmente instituído, fica explícita a desvantagem do ensino público em relação ao privado. A minoria que se forma no ensino médio que

crita luta pelo acesso dos pobres e negros à universidade. Finalmente, suprimiram as assembleias que pudessem impulsionar o movimento com o falso movimento contra o machismo. Falso porque o agrupamento de mulheres que supostamente dizem lutar em favor da mulher não levanta uma bandeira que de fato a defenda, como creches, lavanderias coletivas, condições de moradia próprias para as mães na moradia estudantil. São estudantes que mancham toda uma luta histórica do movimento das mulheres em nome do oportunismo mais deslavado.

Ações que nada têm a ver com a democracia e autonomia estudantil, como calúnia, difamação, mentira, veto ao direito de resposta, acionar a justiça burguesa para resolver os problemas internos do movimento, vêm se tornando método. Essa prática objetivamente coloca em risco a vida do movimento estudantil, pois está emblocada com a política da burocracia e do governo de retirar da universidade seus opositores ameaçados de prisão.

**A luta contra a opressão à mulher só pode ser consequente se estiver ligada à luta contra a opressão de classe, raiz das demais opressões! Luta que depende de uma direção revolucionária! Que se constitua na universidade uma direção de luta! Que defenda um programa proletário para a educação! Fim imediato de todos os processos! Pelo direito a livre organização e manifestação!**

concorrência e o domínio dos monopólios é característica da fase imperialista do capitalismo.

A burguesia nacional fracassa no cumprimento da tarefa democrática de garantir a educação a todos. Está atrelada ao imperialismo, e por isso favorece seus interesses, abre o mercado ao capital estrangeiro, perdoa dívidas milionárias das empresas educacionais, isenta de impostos, paga as vagas ociosas, por meio de projetos como o PROUNI, sucateia as universidades públicas, aumentando o número de vagas mas sem as mínimas condições para estudar e trabalhar etc. Educação a todos será uma conquista da revolução socialista. Será parte da revolução. O cumprimento das tarefas democráticas será alcançado juntamente com o cumprimento das tarefas socialistas.

**Enquanto a educação for mercadoria, será um privilégio e não um direito! Educação a todos, em todos os níveis! Pela expropriação de toda a rede privada de ensino! Pelo controle da universidade pelos que estudam e trabalham!**

é da rede privada é a maioria que passa no vestibular. A exclusão da maioria da juventude do ensino superior é acompanhada pela elitização das universidades.

O capitalismo em decomposição transforma as necessidades sociais históricas em mercadoria. Arranca da maioria da juventude um de seus direitos mais elementares, o direito à educação. O não acesso é parte da destruição da juventude, parte da destruição geral da força de trabalho.

**Fim do vestibular! Educação a todos em todos os níveis! Fim ao ensino privado, a educação é um direito! Por um sistema único de ensino, financiado exclusivamente pelo Estado! Educação vinculada à produção social. Que todo jovem esteja 4 horas na produção e o restante dedicado aos estudos!**

# USP: Eleições de delegados para o CONUNE

Entre os dias 29 de maio e 2 de junho ocorrerá o Congresso Nacional da UNE, em Goiânia. Na USP as eleições de delegados ocorreram entre os dias 16 e 19 de abril. Foram sete chapas inscritas, quórum de 5.261 votos e 67 delegados eleitos. Segundo o regimento da UNE as eleições deveriam ser por universidade, o que condicionou a organização pelo DCE. Todo o processo eleitoral se deu em 15 dias, entre a apresentação do regimento interno em uma reunião ordinária e o término das eleições. Havia duas restrições para formação de chapa, um número mínimo de 13 integrantes e 30% de mulher. Houve ao menos dois debates que ocorreram em dias de eleição. A má convocação limitou a participação das chapas e dos demais estudantes.

## A que serve um calendário apertado

Um calendário eleitoral de 15 dias é insuficiente para um processo que se baseie na elaboração e discussão de um programa para o movimento estudantil. Serve à despolitização dos estudantes, à formação de chapa e ao voto de amizade. Serve ao predomínio das correntes que estão à frente dos CAs e DCE.

## “Oposição de Esquerda” que NÃO está em oposição à política da UNE

A chapa “De que Lado Você Samba” composta por correntes do PSol (direção do DCE da USP) e PCR ficou em primeiro lugar com 44 delegados. Afirmam ser a “oposição de esquerda para mudar a UNE”, no entanto em seu material de campanha levantam as mesmas bandeiras defendidas pelo PCdoB, atual direção majoritária da União Nacional dos Estudantes, que são essencialmente financiamento, assistência estudantil e democracia na universidade. Não há uma oposição à reforma universitária apresentada pela UNE, que será ponto de pauta do congresso. Reforma que apenas propõe alguns remendos ao PNE que serão disputados no parlamento.

Defende a prioridade do dinheiro público à educação pública, mas não se coloca contra a existência das faculdades privadas, que liquida

a universidade pública. Falseia ao dizer que o movimento erguido em 2012 pelas mais de 50 universidades federais foi pela reivindicação dos 10% do PIB para a educação. A greve se deu contra o Reuni e por reajuste salarial dos professores e técnicos administrativos, cujo salário há muito vêm sendo corroído pela inflação.

Em essência, o programa da Oposição de Esquerda para o movimento estudantil nacional não tem como base a unidade da juventude com os demais explorados, por meio da defesa do acesso universal em todos os níveis, que só será garantido pela expropriação da burguesia que controla o ensino superior e pela autonomia do movimento frente ao Estado burguês, organizado segundo a democracia estudantil.

## Tarefa do Congresso Nacional dos Estudantes

Um Congresso Nacional dos estudantes deve aprovar um programa de luta que corresponda à transformação democrática do ensino com base na expropriação, sem indenização, dos capitalistas de ensino e à independência financeira e política diante dos governos, condição necessária para a autonomia do movimento estudantil. Esse programa deve expressar a política do proletariado perante o capitalismo em decomposição, e um conjunto de reivindicações que unifique a juventude em um movimento coletivo.

Que se constitua uma frente de oposição que encarne esse programa e combata o governismo do PCdoB/PT da direção da UNE. Por uma direção com um programa revolucionário.

**Acesso da juventude ao ensino universitário! Resposta ao avanço do processo de privatização do ensino superior e à implantação do Ensino à distância! Defesa das reivindicações específicas dos estudantes das universidades públicas e privadas! Defesa da Autonomia e democracia universitária! Combate à ofensiva repressiva dos governos aos movimentos sociais! Unidade dos estudantes com a classe operária – luta anti-imperialista e anticapitalista.** Essas foram as bandeiras defendidas pela chapa Poder estudantil da Corrente Proletária Estudantil/POR.

# Nenhuma concessão ou parceria com o capital! Por cursos de medicina públicos e gratuitos em Guarulhos com acesso a todos que queiram estudar!

Por pressões do governo municipal, o ministro da Saúde Alexandre Padilha vem defendendo a criação de uma faculdade de medicina da Universidade Federal de São Paulo em Guarulhos. Porém, não há unanimidade nem nos governos petistas, nem na burocracia universitária. Uma parte desta resiste à ideia da expansão das ciências médicas para além da Vila Clementino. A nova reitora mostra-se indecisa, afirmando que a prioridade da gestão seria a construção do campus na zona leste de São Paulo, promessa de campanha do prefeito paulistano Fernando Haddad.

Na certa existe um setor na burocracia universitária central da Unifesp que teme a expansão do curso de medicina por motivos elitistas, acreditando que a “excelência” seria comprometida com a sua instalação em locais periféricos. Seu conservadorismo vai ao encontro do pequeno grupo de professores que ensaiou um golpe para retirar a Unifesp do Pimentas. Por outro lado, os governos petistas apresentaram-se em desacordo, pois suas ações são determinadas pelos ganhos eleitorais que podem ser obtidos com a expansão de cursos. Essa é a raiz da divergência entre a Prefeitura de São Paulo e o Ministério da Saúde. Mas o que chama a atenção é a possibilidade levantada da criação do curso de medicina em Guarulhos ter a participação da

Universidade de Guarulhos – UnG, ou por meio da utilização de sua infraestrutura, ou por meio de curso próprio subsidiado pelo governo federal, demonstrando que o privatismo está enraizado até os ossos dos petistas. Já não bastam as polpudas isenções de impostos com a compra de vagas ociosas, ou o financiamento estatal fornecido aos estudantes que desejam “comprar” sua educação na rede privada de ensino, o MEC dá sinais de que pode aprofundar sua política privatista por meio dessa nova tática.

A instalação de um campus da Unifesp na cidade de Guarulhos foi uma conquista das organizações de bairro e cursinhos pré-vestibulares comunitários que reivindicavam do governo a universidade pública. Devemos lutar também pela instalação de cursos de medicina pelo sistema público de ensino, com pleno financiamento estatal. Os incentivos fiscais, concessões e parcerias promovidos pelo Estado ao ensino privado apenas fortalecem a exploração capitalista do ensino e é antagonico ao sistema único público, gratuito e universal.

**Pela instalação de cursos superiores públicos e gratuitos em Guarulhos! Nenhuma parceria com o capital privado! Fim da exploração capitalista sobre o ensino! Livre acesso a todos que queiram estudar! Fim dos vestibulares!**

## Termina a greve de fome de estudante da Unifesp Guarulhos

O estudante Bruno Athanásio fez uma greve de fome contra a) o dossiê criminoso do Professor do Juvenal Salvioni Filho, que chamou os alunos de Semi-Analfabetos, disse que o bairro dos Pimentas (periferia de Guarulhos, sede da EFLCH) não possuía cultura e nem condições de comportar as demandas da EFLCH e acusou os estudantes de envolvimento com o crime organizado; b) sobre as condições do Restaurante Universitário que operou totalmente fora das normas sanitá-

rias por mais de 40 dias enquanto o Diretor Acadêmico Prof. Marcos Cezar sabia das precárias condições e não tomou providência alguma; c) O Professor Júlio Moracen roubou uma Bandeira do acampamento dos estudantes durante a ocupação do Campus EFLCH-UNIFESP, e disse aos presentes que "sabia matar".

Ele encerrou a greve de fome após compromisso da reitora em apurar as atitudes dos professores denunciados.

## Direção estudantil da Associação de Moradores na USP defende processo criminal contra estudantes

A moradia estudantil (CRUSP) concentra boa parte dos processos de perseguição política. Um deles foi aberto por uma cabeleireira locatária do espaço da associação de moradores (AmorCrusp), aconselhada pela burocracia da assistência estudantil, devido a um panfleto não assinado que fazia uma denúncia política de envolvimento dessa cabeleireira com a burocracia, recebendo benefícios em troca de serviços prestados como delação e envolvimento na formação de chapas para concorrer à direção da associação. A cabeleireira está processando os seis estudantes que fizeram parte da Comissão da Verdade Cruspiana responsável por averiguar o envolvimento dela com a burocracia. Não coincidentemente, os processados são já envolvidos em outros processos políticos em andamento, movidos diretamente pela universidade.

Um agravante da situação foi a posição tomada pela gestão da AmorCrusp, que defendeu o direito da cabeleireira de processar estudantes. Após uma assembleia que discutiu a sua expulsão caso o processo não fosse retirado, a gestão abriu campanha em defesa da cabeleireira, com apoio dos demais comerciantes, que assinaram conjuntamente à Amor-

crusp o boletim de convocatória da assembleia seguinte, que distorcia oportunamente a pauta. De modo alarmista, o chamado foi "contra a expulsão da trabalhadora que presta serviços essenciais aos moradores", quando na verdade a pauta era a rediscussão do processo movido pela cabeleireira, mas com ela presente, a fim de garantir seu direito de defesa. Aprovou-se nessa assembleia uma resolução que condicionava a retirada do processo a uma retratação individual dos processados, ou seja, mediante uma declaração de culpa.

A direção da associação dos moradores quebra a autonomia do movimento estudantil, e se alinha objetivamente à burocracia universitária. Os problemas do movimento estudantil devem ser resolvidos dentro do movimento. Recorrer à justiça burguesa se converte necessariamente em um ataque à organização e à luta dos estudantes. Isso só fortalece a repressão desfechada pela reitoria e governos contra o movimento. É preciso ser intransigente e defender: **NENHUM processo contra estudantes e trabalhadores! Fora todos àqueles que criminalizam o movimento estudantil!**

## ASSIBGE contribui com R\$ 1.000,00 para o Fórum dos Processados

A solidariedade entre os movimentos é necessária por se tratar de lutas contra o mesmo inimigo, a burguesia. Trata-se de compreender que os ataques aos movimentos estudantil, sindical, social e camponês têm a mesma raiz que é a manutenção do poder de uma minoria por meio da violência reacionária que prende e penaliza estudantes por defenderem a educação pública. Minoria que defende os interesses dos patrões, que demite centenas de operários, que é agente da brutal violência nos despejos de prédios e áreas ocupadas e deixa impunes os assassinatos covardes no campo. A contribuição do sindicato dos trabalhadores do IBGE Núcleo de São Paulo ao Fórum dos Processados da USP é uma manifestação de apoio à luta dos 73 presos criminalizados por ocuparem a reitoria, aos 12 que lutaram por moradia estudantil, aos 6 processados por defender o espaço es-

tudantil da ingerência da burocracia e aos 4 que foram chamados pela polícia para prestar depoimento sobre um catraço em protesto às grades colocadas nos restaurantes universitários que impedem que um estudante divida seu prato de comida, pois só os que pagarem poderão entrar no restaurante.

Que entidades estudantis de outras universidades façam o mesmo que o sindicato dos trabalhadores do IBGE: contribuam financeiramente para a luta (processadosusp@gmail.com). Carecemos de condições materiais para as questões jurídicas e para imprimirmos os materiais de nosso movimento. **Pelo fim de todos os processos! Pelo direito à livre organização e manifestação! Pela retirada imediata da denúncia do Ministério Público! Não à criminalização dos movimentos por reivindicação!**



*O extrato abaixo foi escrito por Lenin, durante a primavera de 1916, em Zurique. Foi extraído das obras completas de Lenin, do capítulo "O imperialismo, fase superior do capitalismo". Em palavras do próprio autor, a brochura escrita deveria ajudar a "compreender um problema econômico fundamental, sem cujo estudo é impossível compreender seja o que for e formar um juízo sobre a guerra e a política atuais: refiro-me à essência econômica do imperialismo".*

O imperialismo surgiu como desenvolvimento e continuação direta das características fundamentais do capitalismo em geral. Mas o capitalismo só se transformou em imperialismo capitalista quando chegou a um determinado grau, muito elevado, do seu desenvolvimento. Quando algumas das características fundamentais do capitalismo começaram a transformar-se na sua antítese, quando ganharam corpo e se manifestaram em toda a linha os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada. O que de fundamental neste processo, do ponto de vista econômico, é a substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas. A livre concorrência é a característica fundamental do capita-

lismo e da produção mercantil em geral; o monopólio é precisamente o contrário da livre concorrência, mas esta começou a transformar-se diante de nossos olhos em monopólio, criando a grande produção, eliminando a pequena, substituindo a grande produção por outra ainda maior, e concentrando a produção e o capital a tal ponto que do seu seio surgiu e surge o monopólio: os cartéis, os sindicatos, os trusts e, fundindo-se com eles, o capital de uma escassa dezena de bancos que manipulam milhares de milhões. Ao mesmo tempo, os monopólios, que derivam da livre concorrência, não a eliminam, mas existem acima e ao lado dela, engendrando assim contradições, fricções e conflitos particularmente agudos e intensos. O monopólio é a transição do capitalismo para um regime superior.